

HABACUQUE

Introdução

Esboço

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

INTRODUÇÃO

O Autor. Do próprio Habacuque nada se sabe, exceto o que se pode deduzir deste livro que leva o seu nome. Ele é chamado de "o profeta", sendo possível, portanto, que além de possuir o dom da profecia fosse também membro do grupo de profetas profissionais. Algumas observações musicais feitas ao salmo contido no capítulo dão a idéia de que ele tenha profetizado no Templo, como os homens que foram mencionados em I Cr. 25:1.

Coisa precária é dizermos algo sobre o caráter do profeta com base na sua obra. Seu nome parece derivar de uma raiz hebraica que significa "abraçar". Jerônimo (quinto século d.C.) declarou que o profeta era chamado "O Abraçador", por causa do seu amor a Deus ou porque lutou com Deus. Uma tradição rabínica liga o nome com II Reis 4:16 e diz que Habacuque era filho da sunamita. É claro que isto não passa de fantasia e a não ser que o nome do profeta fosse dado em antecipação ao seu ministério, como no caso de Jesus (Mt. 1:21), qualquer conjectura quanto ao seu significado, embora interessante, é absolutamente sem sentido. Habacuque foi citado na lenda apócrifa de Bel e o Dragão salvando Daniel da cova dos leões uma segunda vez. Não necessitamos dar crédito a esta ou outras tradições que declaram que Habacuque fugiu para a Arábia quando Jerusalém caiu e retornou à Palestina depois do exílio babilônico. Essas histórias, entretanto, apontam para o momento aproximado em que o profeta ministrou.

Data. O momento exato da autoria da profecia tem sido objeto de conjecturas como também a pessoa do profeta. Mestres competentes têm

sugerido datas que vão desde 650 A.C. (C.F. Keil, *Commentary on the Minor Prophets*, pág. 410) a 330 A.C. (E. Sellin, *Introduction to the Old Testament*, pág. 183). Por diversos motivos a primeira data parece ser um tanto precoce, uma vez que coincide com o período do domínio assírio em Judá; enquanto a última está intimamente relacionada com a opinião de que os exércitos invasores descritos no primeiro capítulo da profecia não foram os caldeus mas os gregos sob a liderança de Alexandre, o Grande. A conclusão mais satisfatória parece ser que a profecia foi escrita em um período quando os caldeus ou babilônios estavam começando a ficar indóceis contra o poder assírio e talvez até mesmo a demonstrar a sua força. Colocar a composição do livro bem mais tarde do que isto, seria presumir que não foi realmente um predição da invasão de Judá pelos caldeus mas uma referência ao que realmente já tinha acontecido e portanto uma simples explicação da presença dos babilônios no ocidente como instrumento do Senhor. A melhor conclusão parece ser que a profecia foi escrita quase no fim do reinado de Josias (640-609 A.C.), de preferência depois da destruição de Nínive pelas forças dos babilônios, medos e citas combinados em 612 A.C. Essa época parece plausível por dois motivos. Uma é que o profeta parece surpreso em saber que os caldeus foram escolhidos por Deus para castigarem a Judá desobediente; afinal, o bom Rei Josias não era pró-babilônico em suas simpatias políticas e não procurou atrapalhar o avanço de Faraó-Neco quando este pretendia lutar contra os babilônios em 609 A.C.? O outro motivo é que o despertar do poder caldeu fosse suficientemente evidente para que a descrição do profeta tivesse significado para os seus ouvintes. Certamente o livro deveria datar de antes de 605 A.C. , quando Nabucodonosor fez sua primeira invasão da Palestina e levou Daniel e outros como prisioneiros para a Babilônia.

Problema do Capítulo 3. Tem-se argumentado às vezes que o capítulo 3, que é um salmo, não foi escrito por Habacuque. As observações musicais encontradas no capítulo mostram que era destinada ao uso do culto no templo. Isto tem levado alguns mestres, que preferem

achar que o culto no templo logrou pureza comparativa e uma teologia avançada só no período após o Exílio, a datar o salmo do período pós-exílico. Mais apoio para o argumento parece haver no fato do comentário a Habacuque encontrado entre os Códices de Qumran não fazer referência ao terceiro capítulo de Habacuque. Esta aparente ignorância de Habacuque 3 pode ser explicada, entretanto, pelo fato dos escritores do comentário estarem tentando explicar os dois primeiros capítulos com referência aos acontecimentos do seu próprio período. Não acharam que o salmo de Habacuque fosse adequado ao seu propósito. O uso de anotações litúrgicas dificilmente constituem evidências conclusivas a favor da origem pós-exílica de qualquer obra. Considerando que alguns dos salmos mais antigos contêm tais anotações, parece que faziam parte de tal literatura consideravelmente antes do Exílio.

Raridade do Livro. Uma vez que o conteúdo do terceiro capítulo fornece um clímax triunfante aos problemas colocados nos dois primeiros capítulos, temos uma teodicéia através de todo o livro. A estrutura desta profecia é diferente de todo o Velho Testamento, no que se refere ao conteúdo teológico. Nos dois primeiros capítulos há um diálogo entre o Senhor e o profeta, no qual este último não apenas se queixa do mal, como alguns Salmistas, mas também desafia o Senhor a indicar como Ele, o Santo, pode tolerar esse mal. Este diálogo deve ser considerado transpirando o reino da visão (cons. 1:1 e 2:2). O terceiro capítulo é uma oração, na qual o profeta começa pedindo ao Senhor que confirme na história o propósito que já anunciou, fazendo a Sua obra sobreviver através dos anos. Após esta oração, Habacuque recebe uma visão de Deus manifestando o Seu poder e a Sua glória na terra mais ou menos da mesma forma como se manifestou na experiência do Êxodo no Monte Sinai. O resultado da visão é uma mistura de temor e confiança da parte do profeta.

ESBOÇO

I. Introdução. 1:1.

- II. O profeta se queixa de dor incontrolada em Judá. 1:2-4.
- III. A resposta do Senhor: Os caldeus são o seu instrumento de castigo. 1:5-11.
- IV. Um outro problema: Os caldeus são mais perversos do que os Judeus. 1:12 – 2:1.
- V. A segunda resposta do Senhor: O propósito é certo e a fé será recompensada. 2:2-4.
- VI. Cinco castigos para a iniquidade, quer judia quer caldeia. 2:5-20.
- VII. Uma visão do juízo divino. 3:1-16.
- VIII. O triunfo da fé. 3:17-19.

COMENTÁRIO

Habacuque 1

I. Introdução. 1:1.

1. Sentença. Muitos pronunciamentos proféticos são descritos como "sentença", particularmente quando há denúncia de caráter sinistro ou ameaçador. Aqui o profeta deplora a iminente subjugação e devastação do seu próprio povo, de modo que há um aspecto agourento no que se lhe refere. Ao mesmo tempo a sentença é contra os orgulhosos caldeus, cuja força está no seu deus (1:11). **Revelada.** A palavra *hazâ*, "ver", um termo mais ou menos técnico, indica que esta é uma revelação. O Espírito de Deus imprime a mensagem no âmago da consciência dos profetas com tanta força e clareza como se tivessem visto algo com os olhos físicos. Em I Reis 22:17 Micaías diz: "Eu **vi** todo Israel disperso..."

II. O Profeta se Queixa de Violência Incontrolada em Judá. 1:2-4.

2. Até quando. Ao que parece, o profeta se angustiava por causa da situação reinante em Judá. Pela experiência constatara que o povo parecia não ter consciência e sem dúvida já tinha pedido a Deus que corrigisse tal impiedade, pois ele declara que clamou ao Senhor. **Tu não me escutarás.** Não devemos presumir que o profeta duvidasse de que o

Senhor não tivesse ouvido o seu clamor (no sentido de tomar conhecimento). Ele tinha por certo que se Deus ouvisse, também responderia. Como se a sua oração fosse infrutífera (cons. Sl. 22:1, 2).

Violência. A referência é à perversidade violenta e cruel. A pergunta é: Quem é o responsável? Presume-se aqui que seja a dolência dos judeus. Há os que crêem que, tendo sido usada a mesma palavra em 2:8 e 2:17 para descrever os caldeus, a violência da qual o profeta se queixa era a dos caldeus. Contudo, considerando que seriam o instrumento do castigo que logo seria suscitado, não podiam ser considerados os perpetradores da violência. Ela também não pode se referir ao senhor assírio que já controlava Judá há algum tempo, uma vez que parte da queixa do profeta se prende ao fato da lei ter sido afrouxada e a justiça pervertida (v. 4). Estas duas palavras costumam se referir no V.T. ao código mosaico, e parece, portanto, que a dolência consistia nos atos de crueldade e injustiça que permeavam a vida pública e privada de Judá.

3. Por que me mostras a iniquidade, e me fazes ver a opressão?

A aparente indiferença do Senhor com a situação desesperadora era desnorteante para o profeta. Além de Deus ter permitido que o profeta presenciasse a iniquidade, Ele mesmo tinha visto e aparentemente permanecido indiferente ou inativo. O que preocupava Habacuque era que, considerando que Deus é santo, ele não podia entender como Deus podia olhar complacentemente para a malícia. A forte expostulação do profeta, portanto, é na realidade uma expressão de fé. Sua indignação fora despertada à vista da abundância do pecado e sua confiança em um Deus santo file dizia que Deus tinha de fazer alguma coisa a respeito. **A destruição e a violência.** Esses termos apontam para a animosidade entre os membros da comunidade judia. Os senhores assírios não se misturavam com os habitantes locais. Eles apenas exigiam submissão política e um imposto, que era recolhido do rei. Essas duas palavras, portanto, apóiam a conclusão de que a maldade da qual o profeta se queixava era a do seu próprio povo.

4. A lei se afrouxa. A lei aqui é a lei divina conforme expressa no código mosaico. A lei, como diz Delitzsch, é a "lei revelada em toda a sua substância que deveria ser a alma e o coração da vida política, religiosa e doméstica". Os dois verbos hebraicos traduzidos para **afrouxa** e **se manifesta** indicam que a discórdia em Judá era tal que a lei e a ordem estavam paralisadas. As regras divinas eram um assunto morto. **Justiça.** A justiça se faz através de decisões legais baseadas sobre precedentes ou leis já em vigor. Equivale, portanto, à lei em nossa língua. A questão é que a justiça praticamente não existia e aquilo que recebia tal nome era uma perversão dela. Não havia segurança na vida pública para as pessoas ou propriedades. Que tal estado de coisas existiu durante o reinado de Jeoaquim pode ser verificado em Jr. 26:1 – 27:11. **O perverso cerca o justo.** O homem justo vê-se rodeado de maldade e de gente ímpia. Era uma condição triste essa que se descortinava diante do profeta. A lei de Deus era desprezada por toda parte. Até aqueles que deveriam defender a causa da justiça e da verdade entregavam-se eles mesmos à desonestidade. Os piedosos se achavam desesperadamente em minoria e sobrepujados, de modo que o seu testemunho tinha pouca importância. É claro que Deus não poderia suportar por muito tempo tais coisas entre o Seu povo!

III. A Resposta do Senhor: Os Caldeus São o Seu Instrumento de Castigo 1:5-11.

5. Vede entre as nações (AV, *pagãos*). O profeta expressou assombro por Deus permitir há tanto tempo que as faltas de Judá ficassem sem castigo. A resposta do Senhor é que há um instrumento na Sua mão que pretende usar imediatamente. Será ainda mais espantoso que a sua indulgência. As palavras estão no plural, uma vez que Deus está falando, não ao profeta sozinho, mas através dele a todo o povo.

O Apóstolo Paulo, citando este versículo da LXX, aplica o princípio da conduta divina no tempo de Habacuque à situação na igreja do seu próprio tempo (Atos 13:41). Sem dúvida a obra de Deus em chamar os

gentios para a sua igreja seria exatamente tão espantosa quanto a obra de Ele usar os exércitos da Babilônia para punir Judá. A linguagem do versículo justifica a conclusão de que no tempo da profecia a Babilônia não era considerada um grande poder mundial. Os ouvintes do profeta deviam olhar para as nações porque era do meio delas que se levantaria a obra de Deus que seria a recompensa justa para uma gente pecadora. **Maravilhai-vos, e desvanecei (maravilhai-vos e admirai-vos, E.R.C.)**. Poucas justificativas haveriam para aqueles que não prestassem atenção, pois, conforme Calvino observa: "Ele lhes diz duas vezes que olhem e duas vezes os exorta a que se maravilhem". **Vós não creereis, quando vos for contada**. Eles não creiam que a catástrofe lhes poderia sobrevir por determinação divina. Eles tinham um falso senso de segurança, achando que ser o povo escolhido de Deus era simplesmente uma questão de relacionamento externo. Sob o reinado de Josias houvera um retorno às prescritas cerimônias do Templo, mas não necessariamente um retorno ao Senhor que habitava no Templo. O cerimonialismo logo se transforma em um inimigo da verdadeira espiritualidade. Israel sempre estava pronto a dizer: "Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este" (Jr. 7:4).

6. Agora Deus começa descrevendo detalhadamente a nação através da qual vai punir Judá, **os caldeus**. Embora esta palavra geralmente se refira ao império neo-babilônico, que alcançou o seu zênite sob o reinado de Nabucodonosor, no século sexto A.C., há indicações de que, como um grupo, os caldeus eram um povo muito antigo. Jeremias 5:15 os descreve como um povo primevo ou nação antiga. Provavelmente eles tinham uma organização tribal frouxamente consolidada no começo, como acontecia com muitos grupos semitas, e gradualmente se infiltraram na Babilônia vindos das orlas externas do Vale da Mesopotâmia. Finalmente obtiveram ascendência na cidade de Babilônia. E Merodaque-Baladã, que tentou estabelecer a independência da Babilônia, libertando-a da Assíria, no tempo de Ezequias, era um caldeu. O Império Neo-Babilônico ou Caldeu foi estabelecido sob a

liderança de Nabopolassar, um general caldeu no exército assírio. O mais ilustre monarca dos caldeus foi Nabucodonosor, que é chamado em Esdras 5:12, "o caldeu". Eis que suscito. Os caldeus estavam para serem suscitados, não apenas como um poder político, mas para execução de uma parte especial no plano divino. Esta é a resposta à pergunta do profeta: "Até quando?" **Nação amarga e impetuosa.** As duas palavras apontam para uma campanha feroz e rápida. Os caldeus não perderam essas características no tempo de Daniel, pois ele viu o império babilônico como um leão com asas de águia (Dn. 7:4).

7. Cria ela mesma . . . a sua dignidade. O conquistador futuro seria arrogante e imperioso. Não reconhecera nenhuma autoridade acima da sua e, com efeito, negaria a Deus. Em caráter e aspecto o império caldeu se pareceria com todos os impérios mundiais posteriores.

8. Os lobos ao anoitecer. Esta expressão se encontra várias vezes no V.T. (veja Gn. 49:27; Jr. 5:6; Sf. 3:3). Os lobos ao anoitecer são provavelmente aqueles que caçaram o dia todo sem sucesso e são os mais vorazes quando caem as sombras da noite. A guerra é para o invasor como o apanhar da presa para um animal selvagem – um prazer selvagem. **Voam como águia,** ou melhor, talvez, *como abutre*. Há alguma evidência de que uma distinção cuidadosa nem sempre tem sido feita entre uma águia e um abutre. Em Mt. 24:28 as palavras de Jesus são traduzidas assim: "Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias". A águia não é uma ave necrófaga, mas o abutre é. Os abutres são também conhecidos por sua capacidade de ver ou sentir o alimento de grandes distâncias. Voam rapidamente para se apoderar dele e quando o comem, rasgam-no vorazmente.

9. Os seus rostos suspiram por seguir avante (como o vento oriental). Na Palestina o vento oriental sopra vindo do deserto, amontoando areia por onde passa. Tais ventos eram o terror dos habitantes da Palestina porque crestavam as lavouras e eram muito destrutivos.

10. Amontoando terra, as tomam, isto é, sem dúvida, uma referência ao levantamento de terra para transpor com facilidade os muros da cidade. Muitas inscrições antigas descrevem tais atividades.

11. Então passam como passa o vento (AV, *suas idéias mudam*). Aqui o profeta retoma a metáfora do versículo 9 e indica que o avanço dos caldeus poderia ser impedido localmente por meio de uma fortaleza. Mas, como o vento, ele rapidamente a transporia, mudada de direção e passaria adiante. **Fazem-se culpados esses, cujo poder é o seu deus.** Um raio de esperança brilhava através da obscuridade, e, para aqueles que confiavam em Deus, havia uma esperança real. Contudo por mais sucesso que o invasor tivesse, seria culpado diante de Deus, e ainda que fosse o instrumento de Deus para castigar os culpados em Judá, ele mesmo seria no devido tempo julgado por Deus.

IV. O Segundo Problema: Os Caldeus São Mais Perversos que os Judeus. 1:12 - 2:1.

12. Tem-se sugerido que houve um intervalo de tempo entre a resposta dos versículos 2-11 e a pergunta dos versículos 12-17. Neste intervalo, supõem-se que os caldeus tenham estado em Judá comprovando-se piores que o povo que foram enviados a castigar. Eles infringiram as leis da humanidade. Nada no texto, entretanto, indica que se tenha passado algum período de tempo. O profeta teve uma visão dos caldeus como uma horda veloz reunindo prisioneiros como alguém varre areia. As imagens dos versículos 12-17 dão a idéia de um pescador empregando todos os meios possíveis para apanhar peixes com abundância. Pode ser, então, que a expostulação do profeta brotou do que ele cria com toda a certeza que ia acontecer se tal instrumento de vingança fosse usado por Deus. Sem dúvida Habacuque ficou desesperado não apenas com a destruição de Judá, mas também porque o castigo que estava para ser efetuado contra os perversos. em sua própria terra recairia igual e inevitavelmente sobre os fiéis. **Desde a eternidade.** A eternidade de Deus em sua conduta com o povo da afiança de

antigamente é geralmente o alicerce da confiança dos crentes (com. Is. 40:28; Sl. 90:2). A acumulação de vocativos, **ó SENHOR meu Deus, ó meu Santo**, é semelhante às expressões de profunda confiança que se encontram com tanta freqüência nos Salmos. O que se quer dizer com Santo está revelado no versículo

13. Não morreremos. Pusey diz acertadamente que este é o pensamento iluminador da fé. As palavras dos homens em momentos de crise geralmente indicam suas convicções reais e mais íntimas. O uso do pronome *nós* deve ser entendido em relação ao remanescente, que é chamado de "os justos" (1: 2-13), ou aqueles que vivem pela fé (2:4).

13. Tão puro de olhos, que não podes ver o mal. Deus não pode olhar para a iniquidade com complacência ou tolerância, muito menos favorecê-la. Não se refere aqui apenas às atrocidades dos caldeus. Deus é demasiadamente puro de olhos para contemplar *qualquer* mal. Ele não podia ficar calado, quer diante da violência dos caldeus, quer daquilo que foi encontrado em Judá. Tendo o profeta considerado certo que Deus é puro por natureza, não haveria absolutamente nenhum problema. Alguém que duvida da onipotência do Senhor, ou de quaisquer outros atributos Seus, diria que a justiça de Deus é irreconciliável com esse mal, e portanto, ou Deus não é justo, ou Ele não é onipotente. O profeta, entretanto, fez duas perguntas: Por quê? Até quando? E foi do próprio Deus que buscou uma resposta. Ao mesmo tempo, o problema permaneceu: a porção piedosa da nação sofreria quando os ímpios fossem punidos.

14. Fazes os homem como os peixes do mar. Aqui se diz que o Senhor faz o que Ele permite que seja feito pelos outros. Como resultado da aparente indiferença divina diante da destruição, os homens se tornam como peixes apanhados no mar pelo pescador que usa todos os meios concebíveis – anzol, rede, draga (v. 15) – a fim de apanhar o mais possível. Um comentarista diz que este pensamento é o inverso do pensamento de Jesus, que declarou que até os pardais se encontram sob os cuidados de Deus. Entretanto só a crença em uma Providência

absolutamente compreensiva pode produzir uma declaração como esta que o profeta faz.

16. Oferece sacrifício à sua rede. A referência não é provavelmente a qualquer prática real, embora os citas oferecessem sacrifícios de animais a uma cimitarra em honra do seu deus da guerra. O que, se quis dizer é que os babilônios atribuíam honras divinas a suas amas e, portanto, a eles mesmos. Eles adoravam e serviam à criatura mais que ao Criador.

Habacuque 2

Com 2:1, a exortação do profeta chega ao fim. Não foi com ceticismo que ele apresentou a sua queixa a Deus, mas com fé, pois estava agora preparado a aguardar no Senhor, certo de que viria uma resposta. A declaração feita às vezes de que Habacuque é o primeiro exemplo nas Escrituras de um duvidador honesto é inteiramente sem garantia. Nada na linguagem da profecia traz qualquer elemento de dúvida. Na realidade, a profecia termina com uma nota de fé sublime. Uma coisa é encarar os problemas que têm de ser enfrentados por todos aqueles que crêem em um Deus bom e onipotente e perguntar por que as coisas são assim, ou como podem ser assim. É uma coisa inteiramente diferente duvidar da bondade ou justiça divinas, ou da própria existência de Deus, simplesmente porque alguém não consegue responder essas perguntas.

2:1. Torre de vigia. Diversos intérpretes entendem que é uma torre ou elevação de fato, citando os exemplos de Moisés (Êx. 33: 21), ou Balaão (Nm. 22:41) e de Elias no Sinai (Monte Horebe, I Reis 19:8 e seg). Nenhum desses casos é na realidade comparável ao de Habacuque, que talvez apenas usasse uma figura de linguagem. Certamente ele devia ter-se preparado com oração e meditação para receber a resposta divina. Jeremias esperou dez dias por uma resposta à sua pergunta (Jr. 42:7). Provavelmente algum intervalo de tempo passou-se entre a exortação

do capítulo 1 e a resposta recebida. Habacuque registra apenas a sua determinação de aguardar uma resposta ; não nos diz quando ela veio.

V. A Segunda Resposta do Senhor: O Propósito é Certo e a Fé Será Recompensada. 2: 2-4.

Estes três versículos contêm o que talvez seja a porção mais difícil da profecia, tanto do ponto de vista de tradução, quanto da interpretação.

2. Escreve a visão. Tem-se discutido se o profeta realmente anotou a visão em tabuinhas para o público ler, mas todos concordam que ele recebeu a ordem de registrar a visão. O propósito do registro era duplo: Para orientar aquele que lê; a visão foi para um tempo determinado e devia ser preservada a fim de ser comprovada. **Sobre tábuas.** Diferentes tipos de material eram usados para fazer registros, uma vez que os judeus tiveram cantata com todas as civilizações do Oriente Próximo. (saías e Jeremias usaram códices, embora Isaías também tenha usado tabuinhas (Is. 30:8). Pode-se supor racionalmente que Habacuque registrou a sua visão em uma tabuinha de barro, a qual ele apresentou a muitas pessoas. **Para que a possa ler até quem passa correndo.** O assunto devia ficar tão claro que qualquer um pudesse lê-lo e passá-lo adiante. Em Dn. 12: 4 também, as palavras, "muitos o esquadriarão", parecem apontar para uma publicação de informações, uma vez que acrescentou-se que o saber se multiplicará.

3. Tempo determinado . . . para o fim. O cumprimento da visão devia acontecer no tempo determinado por Deus mesmo. Considerando que essas mesmas duas palavras foram usadas em Dn. 8:19, alguns concluíram que se referem ao tempo do fim, ou os últimos dias. Aqui as palavras se referem ao desígnio divino com referência aos caldeus. Devemos, portanto, entender que a visão se refere à destruição de uru poder mundial ímpio, do qual a Babilônia era a manifestação existente e que só o dia do Messias veria um cumprimento final dessa promessa. **Mas se apressa para o fim, e não falhará.** Os propósitos divinos se apressam para o cumprimento, embora na estimativa humana possa

parecer que esteja havendo delongas desnecessárias. João Calvino diz: "Este é o verdadeiro sacrifício do louvor, quando nos refreamos e ficamos firmes na persuasão de que Deus não pode enganar nem mentir, embora possa parecer por algum tempo que ele não nos esteja levando a sério". **Certamente virá.** A expressão idiomática hebraica que foi usada aqui foi literalmente traduzida na versão grega (a LXX), *vindo ele virá*. A referência é à certeza do acontecimento. O escritor da Epístola aos Hebreus usando a LXX, adaptou o texto à promessa da segunda vinda de Cristo, um acontecimento igualmente certo no plano de Deus, embora possa parecer aos olhos dos homens indevidamente deferido. Lemos assim em Hb. 10:37: "aquele que vem virá".

4. Uma compreensão clara deste versículo é de grande importância para o cristão. Das passagens do V.T, citadas no N.T., esta aparece três vezes de maneira essencial no contexto. Deve-se notar que quando o versículo é usado no N.T. está como *um princípio imutável do relacionamento do Senhor com o seu povo*, não como uma predição de acontecimentos na dispensação do N.T. Em Habacuque, a divina resposta tem a intenção de estimular a esperança e a confiança daqueles que são espiritualmente filhos de Deus, enquanto dedara o destino certo do poder mundial caldeu.

Eis o soberbo. Dizer que se refere ao caldeu, distinguindo-o do judeu, é uma resposta muito simples. Mas considerando que a visão é uma resposta à pergunta de 1: 12-17, o caldeu é aquele que se tem em vista.

Pela sua fé. Um problema de menor importância é o seguinte : É o homem, justificado pela fé, que vive, ou o homem justo é o que vive pela fé? O uso que Paulo fez da passagem parece destacar o primeiro significado, embora o caráter de suas obras permita a segunda interpretação. De qualquer forma, o apóstolo usa a palavra "viver" com força particular. Não significa simplesmente sobreviver, mas viver eternamente na graça de Deus.

Uma pergunta mais importante é se o hebraico 'êmûnâ deve ser traduzido para "fé" ou "fidelidade". Em muitos lugares do V.T. tem o segundo significado, como, por exemplo, em II Reis 12:15 e Jr. 5:1. Contudo, é digno de nota que a raiz desta palavra já foi usada em Hc. 1:5 com o sentido de dar crédito à palavra ou promessa de Deus. Mais ainda, a fidelidade, mesmo como um aspecto do caráter do homem, não preenche a lacuna. A fidelidade tem de ser exercida em relação alguém ou alguma coisa. Neste caso o indivíduo tem de ser fiel a Deus, à palavra e à aliança de Deus. Ele deve confiar firme ou profundidade em Deus mesmo. O uso neotestamentário está de completo acordo com isto.

Pode-se destacar também que seria melhor enriquecer nossa idéia neotestamentária do significado da "fé" usada no V.T. A fé não é um mero consentimento para com uma proposição sobre Deus conforme revelada em Jesus Cristo, Seu Filho. É o oposto do orgulho que incha, da auto-confiança. É humildade diante de Deus, uma prontidão de se conformar com a Sua vontade. É uma convicção de que Ele não pode mentir nem falhar (2:3), uma dependência apesar das circunstâncias externas (3:17). Um homem profundamente religioso como Habacuque dificilmente teria deixado de pensar em Abraão e no que se disse dele, que ateou no Senhor e isto lhe foi imputado por justiça.

Viverá. Sem dúvida nesta profecia se encontra presente a idéia de sobrevivência. Não obstante, à vista do relacionamento espiritual envolvido, esta não é a única idéia. O significado verdadeiro está bem ressaltado no pedido que Abraão faz em Gn. 17, 18, usando o mesmo verbo: "Que Ismael possa viver diante de ti". *Viver* significa não apenas ter segurança ou proteção nesta vida, mas desfrutar a bondade divina, que é melhor do que a vida. É ser querido por Ele, objeto do Seu cuidado.

Permanecem duas perguntas em relação ao uso que Paulo faz de Hc. 2:4 em Rm. 1:17 e Gl. 3:11. O apóstolo não estaria usando a palavra "fé" no sentido distinto de uma antítese às obras da lei como meio de aceitação diante de Deus? Esta antítese não se encontra em Habacuque.

Mais ainda, não seria a fé da qual Paulo fala uma fé no Messias, do qual não se faz menção em Habacuque?

Deve-se reconhecer desde o princípio que Paulo não tinha a intenção de ensinar que a justificação pela fé em Cristo foi apresentada pelo profeta. Ele ensina, entretanto, que um princípio definido tem sido exposto nas Escrituras em relação ao relacionamento do homem com Deus e que este princípio opera mais definidamente no refile do padrão legal do homem diante de Deus. Colocando o assunto em outras palavras, Habacuque estabeleceu um princípio através do qual a fidelidade, que é uma confiança humilde e inabalável na palavra de Deus, foi declarada ser o instrumento que ocasiona o bem-estar e a segurança do povo da aliança. Paulo dedara que o mesmo instrumento é o meio de se alcançar a justificação diante de Deus. Fazendo assim ele não priva a idéia da fidelidade, ou da fé, do seu verdadeiro significado. Na realidade, se muitos pregadores evangélicos modernos dessem à palavra "fé" o significado que a palavra hebraica tem, haveria menos superficialidade na profissão e prática do Cristianismo.

Por outro lado, também se deveria reconhecer que Paulo, em comparação com Habacuque, alarga infinitamente o alcance da palavra "viver", pois ele a aplica à vida futura, à esfera da salvação ou bem-estar eterno, distinguindo-a do bem-estar meramente temporal. Que o apóstolo está justificado fazendo assim é logo reconhecido pelos cristãos, uma vez que os escritores do N.T. empregara muitas formas e figuras do V.T, com uma plenitude de significado de muito transcendendo àquele que trilha para os crentes da velha dispensação. Finalmente, a antítese entre o princípio da fé ativa e o princípio das obras da lei meritórias como meio de salvação é, naturalmente, uma parte do argumento do próprio apóstolo. É um desenvolvimento lógico da natureza da própria fé.

VI. Cinco Castigos para a Iniquidade, quer dos Judeus, quer dos Caldeus. 2:5-20.

5. O vinho é enganoso. A palavra hebraica *yayin*, "vinho", constitui um problema porque aparece no texto como sujeito do verbo. A LXX a interpreta figuradamente como *o arrogante*. Alguns comentaristas mudam as consoantes formando outra palavra, "o opressor". O Comentário Qumran apóia o texto hebreu, entretanto. Provavelmente o significado é que a conduta do homem enganoso é como a que o vinho produz. Lembramo-nos das palavras de Kipling em "Recessional":

"Se, bêbados à visão do poder, soltamos
Violentas palavras que não Te respeitam".

Cuja gananciosa boca se escancara como o sepulcro (*sheol*). O Sheol, habitação dos que partiram, é imaginada como uma criatura voraz ansiosa por engolir a humanidade.

6. Todos estes. A referência é às nações e povos mencionados no versículo 5. **Provérbio.** A palavra hebraica significa uma semelhança, da qual ela toma o sentido de parábola. Considerando, entretanto, que não há nenhuma parábola neste capítulo, a palavra deve ser entendida como o equivalente a **um dito zombador. Penhores.** A palavra que foi usada aqui não se encontra em nenhum outro lugar das Escrituras, mas esta tradução é a melhor. O significado se encontra no ódio do hebreu ao usuário e nas leis levíticas contra a aceitação de penhores de valor maior do que o exigido pela segurança. Os caldeus roubaram os pobres, açambarcando tudo o que podiam ganhar de maneira ilegal.

7. Os teus credores. Os caldeus, embora agissem como credores, eram na realidade devedores de todos; e chegaria a sua vez de serem abalados ou irritados (cons. Mt. 18:28).

8. Os mais povos te despojarão a ti. Os babilônios seriam recompensados na proporção de olho por olho e dente por dente. A lei da retaliação que está em todo o V.T. desde Gn. 9:6 não pretende ser uma regra de vingança mas um princípio de justiça. Os homens receberão o castigo que merecem.

Considerando que os caldeus foram o alvo do primeiro castigo, os castigos enunciados no restante do capítulo, nos versículos 9-20, aplicam-se mais universalmente, e certamente incluem os pecados de Judá e Israel. Confinar a condenação divina aos inimigos de Israel somente seria confirmar num sentido de segurança carnal os pecadores dos quais Habacuque se queixou no princípio.

9. Ajunta . . . bens mal adquiridos. Aqui o extorsionário e o concessionário são condenados. Basicamente, é claro que não foram considerados perversos apenas os atos específicos, mas os alvos e as tendências da alma da qual fluíam. **Em lugar alto o seu ninho.** A águia e o abutre constroem seus ninhos nas alturas, em penhascos inacessíveis. Esperar manter a felicidade e a permanência através de acumulação desonesta de poder e propriedades é tentar "estabelecer" o seu ninho "em lugar alto". Por outro lado, o Senhor é a habitação dos crentes em todas as gerações.

10. Vergonha maquinaste (AV, *consideraste*). Os caldeus e outros não planejaram realmente a confusão para si mesmos; antes, Deus transformaria em vergonha o que eles tinham inventado. Eles, portanto, pecaram contra suas próprias almas, embora talvez parecesse que eles tinham pecado contra outros.

12. Edifica a cidade com sangue. Expressões semelhantes em Mq. 3:10 e Jr. 51:8 apontam para o fato de que os pecados de Judá, como também os da Babilônia estão envolvidos aqui. É muito possível que seja uma referência ao desgoverno de Jeoaquim (cons. Jr. 22:13). Árduas atividades construtivas eram geralmente enfrentadas pelos monarcas na busca da auto-glorificação. **Com sangue.** É uma expressão freqüente significando culpa de sangue ou culpa grave.

13. Não vem do SENHOR. A causa principal do fracasso dos planos e programas humanos é a providência soberana de Deus. Ela não se limita em sua aplicação à destruição da Babilônia. Os termos usados são muito generalizados e incluem todos os que se opõem à vontade de Deus e o Seu reino. O Senhor dos exércitos não é simplesmente o Deus

das batalhas e, portanto, Aquele em quem se encontra a vitória final dos judeus. Ele é o Senhor de todos os exércitos do universo e é capaz de fazer a Sua vontade entre os exércitos dos céus e os habitantes da terra. Labutem para o fogo. Eles assumirão um trabalho inútil.

14. A terra se encherá. Muitos têm considerado este versículo como predição ou da dispensação do Evangelho ou do reino milenial de Cristo. Diferindo da predição de Isaías, em Isa. 11:9, que prediz um tempo quando os homens conhecerão a Deus, desfrutando de íntima comunhão com Ele, este versículo diz que haverá uma manifestação da **glória** do Senhor. A referência é ao poder e à majestade de Deus conforme demonstrados no juízo contra os ímpios e os inimigos do Seu povo (cons. Nm. 14:21-23; Sl. 97). Como a água enche o mar com abundância transbordante, assim a glória de Deus se manifestará a todos os homens em medida abundante.

15. Que dá de beber ao seu companheiro. Uma comparação com diversas outras passagens do V.T. , tais como Jr. 25:15, 16; Is. 51:17; Sl. 75:8, mostra que esta declaração não deve ser aceita literalmente. O conceito é o de induzir em um estado de humilhação e prostração desamparada como o de uma pessoa embriagada. **As vergonhas.** A concupiscência foi usada como metáfora para o bárbaro desejo do poder. O uso dessas figuras implica, naturalmente, em uma forte condenação dos atos pessoais que substituem a figura.

16. Este versículo promete que os caldeus sofreriam nas mãos do Senhor o mesmo tipo de vergonhosa exposição que eles infligiram aos outros. **A tua incircuncisão.** Ficar em tal condição era se expor como objeto de zombaria diante do povo de Deus (Juízes 14:3; 15:18; I Sm. 17:26) e não ter condições de comparecer diante de Deus. **Chegará a tua vez de tomares o cálice da mão direita do SENHOR.** Não é uma convicção de que algo justo deverá prevalecer, ou que a injustiça será punida na ordem natural das coisas. É uma filosofia da história na qual Deus julga as nações e o desmoronar do império é o resultado de Sua vontade.

17. A violência (feita) contra o Líbano. Monarcas sucessivos de diversas nações cortaram a madeira do Líbano, caçaram seus animais selvagens e mataram o seu gado. Neste exemplo o Líbano é um nome usado para descrever a Judéia, como também em Jr. 22:6, 23; Zc. 10:10; 11:1.

18. Mestra de mentiras. Em que sentido podem os ídolos, que são mudos, serem também mestres de mentiras? Conforme Calvino observa, eles seduzem as almas simples. São instrumentos de iludir homens. A imagem, disse Matthew Poole, "era o produto da arte (do homem) e contudo a esperança de sua alma".

19. Que diz ao pau: Acorda . . . A linguagem, obviamente, é de zombaria, como a de Elias escarnecendo dos sacerdotes de Baal. Uma inscrição babilônica em honra de Bel diz: "Quanto tempo o senhor que dorme continuará dormindo?"

20. No seu santo templo. Enquanto os mestres de muitas nuances de opiniões teológicas identificam o **santo templo** como sendo o santuário de Jerusalém, uma comparação com Sl. 11:4; 18:6, 9; II Sm. 22:7, 10 mostra que a expressão é usada com referência específica aos céus. À vista do fato de toda a terra ser ordenada a permanecer em silêncio diante do Senhor, esta conclusão parece a melhor. **Cale-se.** O hebraico tem um imperativo forte, *has!* muito parecido com a nossa expressão *Silêncio!* Os crentes, especialmente, manterão suas almas em quietude e confiança, pois Deus tem prometido que até mesmo que a visão tarde em se realizar, não deixará de acontecer.

Habacuque 3

VII. Uma Visão do Juízo Divino. 3:1-16.

Este capítulo é chamado de oração pelo escritor (*tepillâ*), embora se concorde universalmente que a maior parte dele é a descrição de uma teofania experimentada pelo profeta. Só o versículo 2 é um pedido. Contudo as atitudes de temor reverente, de respeito, de fé que triunfa em circunstâncias perturbadoras encontram-se tão profundamente enraizadas

no espírito da oração que pouca dúvida pode existir que a "oração" inclui todo o capítulo. O capítulo também é chamado de salmo embora não por Habacuque – uma vez que as instruções darias no título se referem ao modo pelo qual devia ser cantado, e a subscrição diz que instrumentos devem acompanhar o cântico. Além disso, o enigmático **Selá**, que geralmente indica as pausas periódicas, ou talvez mudanças de tempo, aparece três vezes.

Por diversos motivos, como já foi mencionado na Introdução, pensa-se que este capítulo tenha sido escrito por outra pessoa e não por Habacuque. Isto significaria, naturalmente, que 3:1, que lhe atribui o capítulo, estaria incorreto. O fato do terceiro capítulo não aparecer no Comentário Qumran não constitui objeção real. Nem o argumento de que esta passagem não tem a forma de diálogo das seções anteriores. A própria natureza do capítulo, que é uma oração, impede o estilo de diálogo. Há algumas evidências lingüísticas que confirmam a unidade do livro, além do fato da teodicéia ser incompleta sem este capítulo.

1. Sob a forma de canto. *Shigionoth* é uma palavra de significado incerto, sendo mais seguro transliterá-la assim. A Vulgata Latina a traduz para *pro ignorantibus*, "pelos pecados feitos em ignorância". A profecia não dá a idéia de que os pecados de Judá ou os dos caldeus pudessem ser considerados pecados cometidos em ignorância. Provavelmente a palavra indica o tipo de música ou o tempo no qual o salmo podia ser cantado quando usado no culto.

2. As tuas declarações. São aquelas do juízo divino que provavelmente trarão sofrimento a Habacuque e àqueles que file são ligados por laços comuns de fé e amor. É o juízo anunciado no cap. 1.

Aviva. Embora as versões inglesas traduzam o hebraico para *reaviva* ou *renova*, o profeta não está pedindo a Deus que repita o que já fez nos grandes dias de outrora. O verbo foi usado em outras passagens com força cansativa, como, por exemplo, em Gn. 7:3; 19:32; Dt. 32:39, onde o significado é preservar com vida, ou chamar à vida. Pede-se a Deus que ponha em operação as Suas obras, isto é, Seu programa

exposto, para que se torne uma ação viva. Que esse é o caso está confirmado pelo paralelismo: "no decurso dos anos faze-a conhecida". **A tua obra** é então o propósito anunciado em 1:5, junto com os juízos enunciados no capítulo 2.

No decorrer dos anos. Bengel, um comentarista mais antigo, declara que este versículo aponta para o nascimento de Cristo e a era cristã. A obra de Deus tem de ser feita em um período que divide a história, o Velho Testamento do Novo. Esta proposição não tem encontrado boa aceitação. Habacuque está pedindo que no correr dos anos futuros Deus possa castigar e curar.

Alguns acham que os versículos 3-15 descrevem uma teofania, ou uma manifestação da Divindade ao profeta. Outros acham que é simplesmente um recital poético das obras divinas com um motivo referente ao Êxodo, isto é, empregando os padrões da atividade divina no período do Êxodo. Não há motivos para acharmos que Habacuque tivesse o tipo de experiências teofanias dadas a Abraão. Ao mesmo tempo estes versículos são mais que uma celebração poética.

Enquanto a linguagem parece referir-se ao Êxodo e narrativas subseqüentes de Deus lidando com Israel, há também uma grande dose de originalidade na descrição. O profeta fala, por exemplo, de montanhas retorcendo-se e fragmentando-se e também de uma exibição de brilhante resplendor que encheu a terra e o céu. É melhor considerar todo o panorama de perturbações cósmicas que são o resultado da presença de Deus como sendo parte da visão do profeta.

3. De Temã . . . de Parã. Parã era a área deserta a oeste do Arabá e perto do sítio tradicional do Monte Sinai. Tema era a rochosa capital-fortaleza de Edom, mas o nome também indica o território a leste de Pará. Deus é representado aproximando-se em Juízo vindo do distrito onde Israel não só experimentara sua graça redentora mas também fizera aliança com ele. Também foram os distritos nos quais algumas das gerações incrédulas pereceram. **Do seu louvor. Louvor** aqui não se

refere ao louvor enunciado pelos habitantes da terra, mas antes à excelência de Deus que merece o louvor de toda a criação.

4. Raios brilham da sua mão. A palavra hebraica "chifres" também é usada para descrever raios de luz, cujo significado parece óbvio aqui. Esses raios emanavam de ambos os lados. O centro de onde vinha esse brilho parecido como sol era o esconderijo do poder de Deus.

5. A peste, e a pestilência são fenômenos que acompanham o aproximar-se do senhor, como os relâmpagos e os trovões acompanham o aproximar-se de uma tempestade. Talvez o profeta veja a criação animada murchando diante de Deus, como se fosse ferida por um vento pestilento. Deixa um caminho chamuscado como se fosse cauterizado pelo fogo.

6. Ele pára. Jeová interrompeu Seu avanço para que pudesse examinar a terra, para determinar a espécie e grau de juízo a ser administrado. As montanhas tremiam e se desfaziam só por Deus tocar nelas. Aqui há um argumento a fortiori. Se as próprias rochas e montanhas que desafiaram a destruição do tempo desfaziam-se em nada sob o toque dos pés do Senhor, ou sob os seus olhos, então quem permanecerá no dia de Sua ira?

7. Cusã. Aceita-se de modo geral que Cusã é a Etiópia. Contudo é mais lógico supor que Cusã era a parte do território sobre o qual os midianitas vagavam e que foi de lá que veio Zípora, a esposa de Moisés, chamada de cusita.

8. Acaso é contra os fios, SENHOR?... A pergunta é retórica, calculada para levar a mente para o motivo verdadeiro da visitação do Senhor – a *salvação*. A salvação divina constitui, pode-se presumir, o tipo de livramento pelo qual o profeta orou no capítulo 1. Incluirá o livramento da violência e da malícia pelas quais os piedosos estão rodeados, de modo que a lei já não ficará mais relaxada. A salvação não é sinônimo daquilo que nos é oferecido em nosso Senhor Jesus Cristo, embora sob diversos aspectos seja uma prefiguração da obra do Messias.

9. E farta está a tua aljava de flechas. De todas as cláusulas da profecia inteira, esta é provavelmente a mais difícil de explicar. Pode ser uma interpolação, significando que a única esperança de Judá é a promessa convencional de Deus, particularmente a Aliança do Sinai ou Mosaica. Em um pequeno grupo de manuscritos antigos esta frase diz: **E farta está a tua aljava de flechas**, que tem bom sentido mas não tem o apoio dos melhores manuscritos hebraicos.

10. As profundezas do mar. . . levantam . . . as suas mãos. Em sua visão o profeta vê ondas imensas se levantando no mar, e se lembra dos gestos do homem acochado pelo terror.

11. O sol e a lua param. As duas esferas que dão luz à terra e governam o tempo pareciam estar consternadas, junto com o restante da criação, diante do esplendor do Senhor quando Ele apareceu em juízo. Pareciam pálidas em comparação com a luz das flechas de Deus e sua espada reluzente.

12. Marchas. O Senhor marchava através da terra como um conquistador triunfante, pisando as nações como um camponês pisa os grãos.

13. Para salvamento do . . . (com) o teu unguido. O unguido deve ser o remanescente fiel entre o povo da aliança. No tempo do V.T. todos os israelitas não constituíam o Israel (Rm. 9:6). A libertação divina estendia-se às pessoas que esperavam pela consolação de Israel na pessoa do seu rei messiânico.

13. E lhe descobres de todo o fundamento (*até o pescoço, ou até a rocha*). Aparentemente o texto deveria ser *a rocha*. As duas palavras são muito parecidas no hebraico. A figura é do conquistador derrubando os fundamentos até o chão. A casa dos ímpios é totalmente demolida.

16. Ouvi-o. Embora a visão fosse vista, seu significado foi *ouvido*, ou assinalado pelo profeta. Cons. Is. 55:3, "**ouvi**, e a vossa rima viverá". O profeta sabia muito bem o que significava a execução do juízo divino para ele e para o povo entre o qual vivia. O efeito imediato sobre ele foi o de tremendo espanto, como indica a comoção dos órgãos internos. O

efeito final, entretanto, foi o de fé confirmada. Conforme Calvino declara: "Aquele que em tempo antecipa a ira de Deus e se sente tocado pelo temor, logo que ouve que o juízo divino está perto, assegura-se do mais seguro refúgio para o dia da aflição".

VIII. O Triunfo da Fé. 3:17-19.

17. A menção da figueira, da videira, da oliveira, dos cereais e dos rebanhos abrange toda a linha dos produtos agrícolas dos quais a nação dependia. Presumivelmente a razão para o fracasso das colheitas fosse a invasão caldéia. As tropas inimigas não só acabavam com a terra mas com freqüência e deliberadamente destruíam árvores e colheitas. Uma antiga crônica egípcia gaba-se de que os soldados egípcios arruinaram as árvores frutíferas de uma planície costeira da Palestina.

18. Todavia eu me alegro no SENHOR. A ruína tão vivamente descrita leva o profeta não ao desespero mas a fé no seu Senhor.

19. Os meus pés como os da corça. A corça é veloz e não pisa em falso, por isso escapa rapidamente ao perseguidor. O quadro é o de alguém supremamente confiante em que aquele que leva o seu povo a passar por provações é fiel e fornecerá em cada provação um caminho de escape, para que o povo seja capaz de enfrentá-la.

Ao mestre de música. Esta oração foi evidentemente destinada ao coro dos levitas, embora o salmo, ao contrário de alguns outros que foram encontrados fora da coleção, como, por exemplo, II Sm. 22:2 e segs. e I Cr. 16:8 e segs., jamais fosse colocado dentro do Livro dos Salmos.